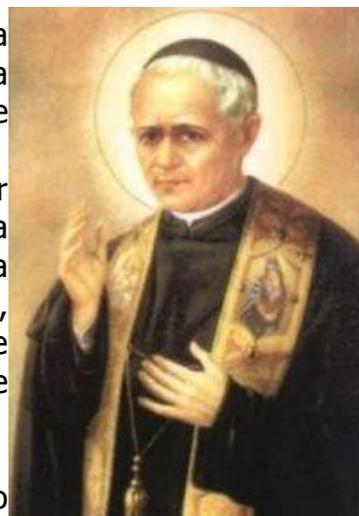


Santo Antônio Maria Pucci

12 de janeiro

Antonio Maria Pucci nasceu em Poggiore, pequeno povoado da diocese de Pistóia, em 1819. Aos 18 anos de idade, ingressou na Ordem dos Servos de Maria. Concluídos os estudos de filosofia e teologia, emitiu os votos religiosos e foi ordenado presbítero. Foi pároco de Viareggio por 45 anos, até a morte. Como prior conventual e provincial, mais do que um superior, foi um irmão a serviço dos irmãos. Totalmente voltado para Deus e para a Virgem Maria, doou-se com alegria e disponibilidade a todos, principalmente aos mais pobres. Morreu aos 12 de janeiro de 1892. Foi proclamado santo por João XIII dia 9 de dezembro de 1962.



Oração

Ó Deus tornastes admirável Santo Antonio Maria Pucci como servo da Mãe do vosso Filho e pastor do vosso rebanho: fazei que nos também, inspirando-nos na Virgem Maria, dediquemos nossas vidas propagação do reino de Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo.

Totalmente voltado para Deus e para o seu rebanho

Antônio Maria Pucci nasceu em Poggiore, na diocese de Pistóia, Itália, em 1819, filho de pais exemplares. Era o segundo de nove filhos. Desde jovem, foi sempre aplicado nos estudos e assíduo na oração. Aos 18 anos de idade, animado por uma filial devoção à Mãe de Deus, ingressou na Ordem dos Servos de Maria.

Fez o noviciado em Florença. Depois, em Monte Senário, estudou filosofia e teologia e emitiu a profissão solene dos votos. Em 1844, um ano depois de ordenado presbítero, foi enviado para Viareggio como vigário paroquial; em 1847, foi nomeado pároco e, por 45 anos, até a morte, exerceu esse cargo com grande zelo, dando a todos exemplo de vida íntegra e incansável, totalmente voltada para Deus e para o rebanho que lhe fora confiado. Mesmo sendo pároco, continuou seus estudos e, em 1850, obteve o título de mestre em sagrada teologia.

Por muitos anos foi prior no seu convento e prior provincial da Toscana, numa época hostil aos religiosos, quando vigoravam leis contrárias às Ordens e aos Institutos de vida comum. No exercício desses cargos, tendo sempre diante de si as palavras de Santo Agostinho, preferia ser amado pelos irmãos a ser temido, considerando-se feliz, não por exercer a autoridade, mas por servir na caridade.

Foram suas virtudes características a humildade de espírito, a discrição no falar, o contato habitual com Deus e o amor à pobreza. Não media esforços para levar todos a Cristo. Conhecia suas ovelhas uma por uma e as assistia com paternal solicitude, oferecendo-lhes a palavra de Deus e fortalecendo-as com seus conselhos e ensinamentos. Sua caridade com os necessitados não tinha limites, chegando às vezes a desfazer-se de suas vestes para acudi-los. Com razão, pois, é tido como pai dos pobres.

Reservava boa parte do dia para atender os que buscavam o sacramento da penitência. Considerava ser seu principal dever reconduzir os pecadores a Deus, consolar

os aflitos, perdoar os que o ofendiam, desfazer o ódio e as intrigas, reconstruir a paz nas famílias, atender assiduamente e com paternal amor os doentes e os moribundos. Seu amor ao próximo alcançou a mais alta expressão quando, durante a epidemia do cólera de 1848-1856, de dia e de noite, ele socorria os doentes, sem preocupar-se em repousar e sem importar-se com o perigo do contágio.

Deus o agraciou com muitos dons, em particular com o discernimento dos espíritos e o poder de curar. Foi às vezes visto elevado do chão, em êxtase. Fundou em sua paróquia e dirigiu com particular solicitude uma Congregação de irmãs Servas de Maria, dedicada à educação das jovens. Antecipando os tempos, no intuito de levar os paroquianos a aprofundar a fé, criou associações para crianças e jovens, para homens e mulheres.

Introduziu na paróquia a Conferência de São Vicente, há pouco iniciada na França, e a Obra de Propagação da Fé. Fundou a primeira colônia de férias, à beira mar, para a recuperação física das crianças. Em toda essa sua atividade inovadora, era sustentado e animado por um grande amor à eucaristia e a Nossa Senhora das Dores, à qual havia solenemente consagrado a paróquia.

Um dia, em pleno inverno, despojou-se de sua capa e, com ela, cobriu um pobre que encontrou pelo caminho. Em consequência disso, contraiu pulmonite e, pouco tempo depois, a 12 de janeiro de 1892, após receber os sacramentos, morreu santamente. Todo o povo de Viareggio, até mesmo os inimigos da Igreja, choraram a perda do pai comum. Ao encerrar-se a primeira sessão do Concílio Vaticano II, no dia 9 de dezembro de 1962, o papa João XXIII inscreveu-o no catálogo dos santos. Seu corpo repousa na basílica de Santo André, em Viareggio.